

Escalas aplicadas para avaliação do estresse do trabalhador de enfermagem no Brasil

RESUMO | Objetivo: descrever escalas aplicadas para avaliação do estresse do trabalhador de enfermagem, no Brasil. Método: pesquisa de natureza descritiva que se deu por meio de revisão integrativa de literatura incluindo obras dos últimos cinco anos. Resultados: foram obtidos 09 artigos os quais demonstram que a escala mais utilizada foi a Maslach Burnout Inventory para avaliação de burnout. Os artigos contendo as escalas analisadas apresentaram significância estatística e validade interna, atendendo a critérios Qualis Capes. Conclusão: esses instrumentos de avaliação são eficazes à medida que permitem ao pesquisador obter informações a respeito de aspectos psicossociais relacionados ao trabalho, subsidiando a produção de conhecimento para a tomada de decisões amenizadoras de fatores estressantes no trabalho.

Palavras-chaves: Avaliação em Saúde; Estresse Ocupacional; Saúde do Trabalhador.

ABSTRACT | Objective: Describe scales applied to assess the stress of the nursing worker in Brazil. Method: research of a descriptive nature that occurred through integrative literature review including works of the last five years. Results: 9 articles were obtained which demonstrate that the most widely used scale was the Maslach Burnout Inventory for burnout evaluation. The articles containing the analyzed scales presented statistical significance and internal validity, according to Qualis Capes criteria. Conclusion: these evaluation tools are effective as they allow the researcher to obtain information about work-related psychosocial aspects, subsidizing the production of knowledge for decision-making to alleviate stressors at work.

Keywords: Health Evaluation; Occupational Stress; Worker's Health.

RESUMEN | Objetivo: describir escalas aplicadas para la evaluación del estrés del trabajador de enfermería, en Brasil. Método: investigación de naturaleza descriptiva que se dio por medio de revisión integrativa de literatura incluyendo obras de los últimos cinco años. Resultados: se obtuvieron 9 artículos que demuestran que la escala más utilizada fue la Maslach Burnout Inventory para evaluación de burnout. Los artículos que contenían las escalas analizadas presentaron significancia estadística y validez interna, atendiendo a criterios Qualis Capes. Conclusión: estos instrumentos de evaluación son eficaces a medida que permiten al investigador obtener informaciones acerca de aspectos psicossociales relacionados con el trabajo, subsidiando la producción de conocimiento para la toma de decisiones mitigadoras de factores estresantes en el trabajo.

Descriptores: Evaluación en Salud; Estrés Ocupacional; Salud del Trabajador.

Eduardo Fernandes da Silva

Enfermeiro. Especialista em Nefrologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Uerj.

Jorge Luiz Lima da Silva

Enfermeiro. Doutor em Saúde Pública – Fiocruz. Docente do Depto. Materno Infantil e Psiquiatria da Universidade Federal Fluminense – UFF/ Brasil. Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva – UFF.

Mayara Souza Monnerat

Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal Fluminense – UFF.

Claudia Maria Messias

Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Docente do Depto. Materno Infantil e Psiquiatria da Universidade Federal Fluminense – UFF/ Brasil.

Rafael da Silva Soares

Enfermeiro. Depto. Fundamentos de Enfermagem e Administração. Mestre em Ciências do Cuidado em Saúde.

Felipe dos Santos Costa

Enfermeiro. Secretaria Municipal de Saúde de Resende. Mestre em Saúde Coletiva – UFF.

Recebido em: 09/04/2019

Aprovado em: 28/05/2019

INTRODUÇÃO

Devido aos câmbios nas organizações e aos processos de globalização atuais, a exposição a fatores psicossociais no contexto ocupacional tem se tornado mais frequente e intensa. Quando estes fatores são desfavoráveis ao desenvolvimento da atividade profissional e à qualidade de vida do indivíduo, se traduzem em um nível maior de estresse para o trabalhador⁽¹⁾.

Os estudos em relação ao estresse, enquanto patologia, além de suas implicações, têm levado a frequentes avaliações sobre a qualidade de vida no meio profissional, em diversos grupos considerados estressantes, constituindo-se como um relevante problema de saúde pública da atualidade. O estresse é um marco da enfermagem, visto a questão da divisão

social do trabalho onde o enfermeiro fica responsável pelo gerenciamento da unidade, do cuidado ao cliente e da equipe de enfermagem. Fatores considerados estressantes, próprios da função da enfermagem, também são descritos na literatura, como: a sobrecarga emocional; falta de recursos humanos e materiais; questões salariais; relações interpessoais; insegurança profissional; excessiva carga de trabalho e fatores relacionados com a estrutura organizacional, como falta de cooperação, comunicação e apoio da equipe de saúde⁽²⁾.

As investigações dos estímulos ambientais que geram estresse vêm sendo estudadas, principalmente, devido às doenças vinculadas à atividade laboral e, a partir da década de 60, o estresse vem sendo amplamente discutido. Há estudos abordando as relações entre trabalho,

estresse e suas repercussões sobre a saúde dos trabalhadores. Atualmente existem escalas que permitem avaliar o estresse nos trabalhadores.

Tais escalas foram confeccionadas para avaliar a saúde do trabalhador em seu ambiente laboral. Entretanto, têm-se a convicção de que algumas profissões são mais expostas a agentes estressores devido à complexidade de seu trabalho. A enfermagem é exemplo de profissão altamente exposta aos agentes estressores. A adaptação a este processo pode, por vezes, se tornar difícil em condições ambientais desgastantes, o que pode afetar a tríade mente-corpo-espírito do trabalhador, seu desempenho, bem como a convivência em família e em comunidade.

Os enfermeiros cuidam de clientes e familiares e, às vezes, pelas contingências do cotidiano, esquecem de se preocupar com sua qualidade de vida, em especial com sua saúde. Nesse contexto, destaca-se a dupla jornada de trabalho, potencializando o cansaço físico e emocional, diminuindo a qualidade de vida e do trabalho. Conforme autores⁽³⁾, a enfermagem enfrenta uma sobrecarga tanto quantitativa evidenciada pela responsabilidade por mais de um setor hospitalar, quanto qualitativa verificada na complexidade das relações humanas, do enfermeiro/cliente, enfermeiro/profissional de saúde e enfermeiro/familiares.

A partir do exposto, este estudo visa responder ao seguinte problema de pesquisa: Quais as escalas são descritas na literatura para a avaliação do estresse do profissional de enfermagem, no Brasil? Para isso, traz o como objetivo de descrever as escalas aplicadas para avaliação do estresse do trabalhador de enfermagem em estudos brasileiros.

METODOLOGIA

A pesquisa de natureza descritiva foi realizada por meio de revisão integrativa da literatura, baseada em obras secundárias que abordassem o uso de escalas para mensuração do estresse, publicadas nos últimos cinco anos. A coleta do material foi realizada no período de julho de 2016.

O levantamento foi realizado em ambiente virtual na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas bases: LILACS, MEDLINE e SciELO, seguindo critério Qualis Capes mínimo de B2, incluídos nos resultados com os seguintes termos de busca: “escala de estresse e enfermagem”; “escala de desgaste emocional e enfermagem”; “escala mental e enfermagem”.

Foram pré-selecionados para este estudo somente artigos que na leitura demonstrassem o uso de escala para avaliar o estresse e o desgaste emocional entre os profissionais de enfermagem. Como fonte de informações, foram utilizados periódicos

indexados do Brasil, que estivessem disponíveis completos, descritos no Quadro 1. Primeiramente, as obras foram capturadas e salvas, para que em seguida fosse realizada a pré-seleção, de acordo com a leitura dos resumos e resultados. Nessa fase, buscou-se a relação entre o conteúdo, título, resumo, e se atendiam ao objeto do presente estudo.

Na fase de seleção, as obras foram lidas na íntegra, com atenção especial para os resultados e conclusão das obras, os trabalhos que realizaram revisão de literatura e que não apresentavam qualquer relação com o uso de escalas foram excluídos. Foram obtidas 19 obras referentes ao termo “escala de estresse e enfermagem”, 12 obras referentes ao termo “escala de desgaste emocional e enfermagem” e 40 obras referentes ao termo “escala mental e enfermagem”.

Para melhor refinar os resultados, foram definidos critérios de inclusão, onde foram utilizadas apenas publicações brasileiras entre os anos de 2010 em diante, trabalhos que descrevessem a escala utilizada, e trabalhos que apresentassem cálculo de Alpha de Cronbach, de forma a garantir a validade interna da escala. No total, foram obtidos 09 artigos referentes ao estudo.

RESULTADOS

Quadro 1. Obras capturadas em ambiente virtual, no período de 2010 a 2015. Niterói, RJ, Brasil, 2016.

NOME DA ESCALA	ANO DE PUBLICAÇÃO					
	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Maslach Burnout Inventory**	-	-	-	1	-	4
Escala de Estresse no Trabalho**	-	-	-	-	-	1
Escala Bianchi de Estresse	1	-	-	-	-	-
Job stress scale	-	1	-	-	-	-
Inventário de Estresse para Enfermeiros	-	-	-	-	1	-
TOTAL	1	1	0	1	1	5

Nota: **Artigo apresentou mais de uma escala

Quadro 2. Síntese dos achados coletados na BVS nas bases LILACS, MEDLINE e na SciELO nos anos de 2010 a 2015, pela ordem cronológica de acordo com a Escala de Maslach Burnout Inventory (MBI). Niterói, RJ, Brasil, 2016.

AUTORES, ANO, REVISTA	NOME DO ARTIGO	N	ESCALA	ALPHA	PRINCIPAIS ACHADOS	QUALIS
Schmidt e cols. 2013, Revista Brasileira de Enfermagem (Reben).	Qualidade de vida no trabalho e burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva.	53	MBI	0,70	Os participantes não apresentaram risco de manifestação de burnout, porém constatou-se uma relação inversa e de forte magnitude entre QVT (qualidade de vida no trabalho) e a dimensão exaustão emocional ($r=-0,68$), corroborando o que já havia sido apontado em outra pesquisa, cujo resultado revelou que a alta exposição ao estresse ocupacional diminui a QVT de profissionais de enfermagem.	A2
Silva e cols. 2015, Revista Brasileira de Terapia Intensiva.	Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas.	130	MBI	>0,80	Contatou-se que os fatores psicossociais estavam envolvidos no surgimento de burnout no grupo estudado. Os resultados despertaram a necessidade de estudos para intervenção e posterior prevenção da síndrome.	B2
Campos e cols. 2015, Psicologia: Reflexão e Crítica.	Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem.	116	MBI	>0,70	Observou-se uma alta prevalência da síndrome (47%), e um grande número de trabalhadores em risco de adoecimento (entre 41% a 49% da amostra, dependendo da dimensão do Burnout). Não houve diferenças significativas em função das categorias profissionais e locais de trabalho. As variáveis ocupacionais "problemas de relacionamento com colegas de trabalho" ($OR = 3$) e "insatisfação com o trabalho" ($OR = 11$) foram as preditoras da síndrome ($p < 0,05$). As variáveis sociodemográficas não foram significativas.	A1
Ferreira; Lucca. 2015, Revista Brasileira de Epidemiologia.	Síndrome de burnout em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo.	534	MBI	>0,70	A prevalência da síndrome de burnout entre os técnicos de enfermagem foi de 5,9%. Além disso, 23,6% desses apresentaram alto desgaste emocional; 21,9% alta despersonalização; e 29,9% baixa realização profissional. Houve associação estatisticamente significativa do desgaste emocional com setor de trabalho e estado civil; despersonalização com possuir filhos e apresentar problemas de saúde; e baixa realização profissional com setor de trabalho e número de empregos. Houve associação de satisfação no trabalho com as três dimensões.	B1
Andolhe e cols. 2015, Revista da Escola de Enfermagem da USP. **	Estresse, coping e burnout da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados.	287	MBI	>0,80	Participaram da pesquisa 287 sujeitos, predominantemente mulheres, com companheiro e filhos. O nível médio de estresse e coping controle foram prevalentes (74,47% e 79,93%, respectivamente) e a presença de burnout em 12,54%. Fatores associados ao estresse referiram-se às condições de trabalho. Ter companheiro, atuar em UTI Clínica e gostar do trabalho foram fatores de proteção para coping prevalente, enquanto horas de sono adequadas foi fator de proteção para burnout.	A2

Nota: **Artigo apresentou mais de uma escala.

Quadro 3. Síntese dos achados coletados na BVS nas bases LILACS, MEDLINE e na SciELO nos anos de 2010 a 2015, pela ordem cronológica de acordo com a Escala de Estresse no Trabalho (EET). Niterói, RJ, Brasil, 2016.

AUTORES, ANO, REVISTA	NOME DO ARTIGO	N	ESCALA	ALPHA	PRINCIPAIS ACHADOS	QUALIS
Andolhe e cols. 2015, Revista da Escola de Enfermagem da USP. **	Estresse, coping e burnout da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados.	287	EET	>0,80	Participaram da pesquisa 287 sujeitos, predominantemente mulheres, com companheiro e filhos. O nível médio de estresse e coping controle foram prevalentes (74,47% e 79,93%, respectivamente) e a presença de burnout em 12,54%. Fatores associados ao estresse referiram-se às condições de trabalho. Ter companheiro, atuar em UTI Clínica e gostar do trabalho foram fatores de proteção para coping prevalente, enquanto horas de sono adequadas foi fator de proteção para burnout.	A2

Nota: **Artigo apresentou mais de uma escala

Quadro 4. Síntese dos achados coletados na BVS nas bases LILACS, MEDLINE e na SciELO nos anos de 2010 a 2015, pela ordem cronológica de acordo com a Escala Bianchi de Estresse (EBS). Niterói, RJ, Brasil, 2016.

AUTORES, ANO, REVISTA	NOME DO ARTIGO	N	ESCALA	ALPHA	PRINCIPAIS ACHADOS	QUALIS
Rocha, Martino. 2010, Revista da Escola de Enfermagem da USP.	O estresse e qualidade de sono do enfermeiro nos diferentes turnos hospitalares.	203	EBS	>0,90	Os resultados indicaram que houve uma correlação significativa entre estresse e sono (correlação de Spearman; $r = 0,21318$; $p = 0,0026$) e entre níveis elevados de estresse e qualidade de sono ruim para os enfermeiros do turno da manhã ($p = 0,030$; Teste Qui-Quadrado).	A2

Quadro 5. Síntese dos achados coletados na BVS nas bases LILACS, MEDLINE e na SciELO nos anos de 2010 a 2015, pela ordem cronológica de acordo com a Job Stress Scale (JSS). Niterói, RJ, Brasil, 2016.

AUTORES, ANO, REVISTA	NOME DO ARTIGO	N	ESCALA	ALPHA	PRINCIPAIS ACHADOS	QUALIS
Negeliskii e Lautert. 2011, Revista Latino Americana de Enfermagem.	Estresse laboral e capacidade para o trabalho de enfermeiros de um grupo hospitalar.	368	JSS	0,77	O estresse laboral está presente em 23,6% dos enfermeiros, e, desses, 15,2% apresentam alta exigência no trabalho e 8,4% trabalho passivo. Os resultados desta investigação alertam para a necessidade de restaurar o estado de saúde físico e psicológico dos enfermeiros que trabalham principalmente em atividades assistenciais, em unidades abertas e com pacientes adultos. As estratégias apontadas visam a valorização dos trabalhadores e o investimento na educação permanente em saúde, as quais podem ter papel protetor para a saúde do trabalhador contra estressores no cotidiano de trabalho, à medida que proporcionam autonomia aos trabalhadores de enfermagem.	A1

Quadro 6. Síntese dos achados coletados na BVS nas bases LILACS, MEDLINE e na SciELO nos anos de 2010 a 2015, pela ordem cronológica de acordo com o Inventário de Estresse para Enfermeiros (IEE). Niterói, RJ, Brasil, 2016.

AUTORES, ANO, REVISTA	NOME DO ARTIGO	N	ESCALA	ALPHA	PRINCIPAIS ACHADOS	QUALIS
Umann e cols. 2014, Revista Gaúcha de Enfermagem.	O impacto das estratégias de enfrentamento na intensidade de estresse de enfermeiras de hemato-oncologia.	18	IEE	0,964	Observou-se que, quanto maior o uso das estratégias de enfrentamento de Esquiva e de Controle, maior é a intensidade de estresse apresentada pelos enfermeiros.	B1

DISCUSSÃO

De acordo com a síntese dos achados, emergiram as unidades temáticas: Esgotamento no trabalho e Estresse no trabalho.

Esgotamento no trabalho

Em cinco estudos utilizou-se a escala Maslach Burnout Inventory (MBI), cujo objetivo era de identificar o estresse e a propensão à síndrome de burnout nas populações estudadas.

Estudo⁽⁴⁾ objetivou descrever a prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs), fazendo associação a aspectos psicossociais. Na avaliação da confiabilidade interna do instrumento, observou-se que o Alfa de Cronbach para os itens esgotamento emocional (EE) e realização pessoal (RP) foi de 0,992 e 0,828, respectivamente, e para o item despersonalização (DP) foi de 0,649, apresentando uma média acima de 0,80 e assegurando a confiabilidade do estudo.

A prevalência de síndrome de burnout foi de 55,3% (n = 72). Quanto aos quadrantes do modelo demanda-controle, a baixa exigência apresentou 64,5% de casos prevalentes suspeitos e a alta exigência, 72,5% de casos (p = 0,006). Foi constatada a prevalência de 27,7% de casos suspeitos para transtornos mentais comuns; destes, 80,6% estavam associados à síndrome de burnout (< 0,0001). Após análise multivariada com modelo ajustado para sexo, idade, escolaridade, carga horária semanal, renda e pensamento no trabalho durante as folgas, foi constatado caráter protetor para síndrome de burnout nas dimensões intermediárias de estresse: trabalho ativo (OR = 0,26; IC95% = 0,09 - 0,69) e trabalho passivo (OR = 0,22; IC95% = 0,07 - 0,63). Esses resultados demonstraram a necessidade de estudos para intervenção e posterior prevenção da síndrome e que fatores psicossociais estavam en-



Concluiu-se que para os técnicos de enfermagem, o contato íntimo com os pacientes de difícil manejo e o receio de cometer erros no cuidado são fatores adicionais de estresse crônico e casos de burnout evidenciados neste estudo⁽⁶⁾



volvidos no surgimento de burnout no grupo estudado⁽⁴⁾.

Estudo⁽⁵⁾ investigou a prevalência da síndrome de burnout nos profissionais de enfermagem de um hospital e de Unidades Básicas de Saúde (UBSs), comparando-a entre as três categorias profissionais (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) e os tipos de serviços, e identificou seus fatores sociodemográficos e ocupacionais preditores. Os fatores exaustão emocional e realização profissional apresentaram valores de alfa de Cronbach de 0,88 e 0,94, respectivamente, constituindo-se subescalas com altos índices de consistência interna. O fator despersonalização obteve um coeficiente alfa inferior ($\alpha = 0,65$), mas próximo do desejado ($\alpha = 0,70$).

Observou-se expressiva prevalência da síndrome (47%), e muitos trabalhadores em risco de adoecimento (entre 41% a 49% da amostra, dependendo da dimensão do burnout). Não houve diferença significativa em função das categorias profissionais e locais de trabalho. As variáveis ocupacionais “problemas de relacionamento com colegas de trabalho” (OR = 3) e “insatisfação com o trabalho” (OR = 11) foram as preditoras da síndrome (p < 0,05). As variáveis sociodemográficas não foram significativas. Este estudo contribui para a discussão sobre o processo de desenvolvimento do burnout em profissionais de enfermagem, ajudando a planejar medidas preventivas de doenças ocupacionais e programas de intervenção nos serviços de saúde⁽⁵⁾.

Autores⁽⁶⁾ avaliaram a prevalência da síndrome entre técnicos de enfermagem de hospital público universitário e sua associação com as variáveis sociodemográficas e profissionais. A confiabilidade foi de 0,86 para a EE, 0,69 para a DS e 0,76 para a BRP. Isso assegura a confiabilidade do instrumento para o presente estudo. A prevalência da síndrome de burnout entre os técnicos de enfermagem foi de 5,9%. Além

disso, 23,6% desses apresentaram alto desgaste emocional; 21,9% alta despersonalização; e 29,9% baixa realização profissional. Houve associação estatisticamente significativa do desgaste emocional com setor de trabalho e estado civil; despersonalização com possuir filhos e apresentar problemas de saúde; e baixa realização profissional com setor de trabalho e número de empregos. Houve associação de satisfação no trabalho com as três dimensões.

Concluiu-se que para os técnicos de enfermagem, o contato íntimo com os pacientes de difícil manejo e o receio de cometer erros no cuidado são fatores adicionais de estresse crônico e casos de burnout evidenciados neste estudo⁽⁶⁾.

Estudo⁽⁷⁾ investigou o estresse emocional, o coping e burnout da equipe de enfermagem e a associação com fatores biossociais e do trabalho em uma UTI. O valor de confiabilidade de alfa de Cronbach obtido na versão original foi de 0,89. Participaram da pesquisa 287 sujeitos, predominantemente mulheres, com companheiro e filhos. O nível médio de estresse e coping controle foram prevalentes (74,47% e 79,93%, respectivamente) e a presença de burnout em 12,54%.

Os fatores associados ao estresse como protetivo foram: ter companheiro, atuar em UTI clínica, gostar do trabalho e horas de sono. Este último demonstrou maior fator de proteção para burnout. Concluiu-se que o controle do ambiente de trabalho e o sono adequado são fatores decisivos e protetores para enfrentamento das situações de estresse ocupacional⁽⁷⁾.

Estudo⁽⁸⁾ avaliou a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) e a ocorrência de burnout entre profissionais de enfermagem de UTI. A avaliação da consistência interna do instrumento pelo alfa de Cronbach constatou que a dimensão DP obteve valor regular de 0,53, em contrapartida as dimensões EE e RP apresentaram, respectivamente, 0,83 e 0,76, valores considerados aceitáveis.

Quanto à avaliação de burnout, os participantes não apresentaram risco de manifestação, porém constatou-se relação inversa de forte magnitude entre QVT e a dimensão exaustão emocional ($r=-0,68$), corroborando o que havia sido apontado em outra pesquisa, cujo resultado revelou que a alta exposição ao estresse ocupacional diminui a QVT de profissionais de enfermagem⁽⁹⁾.

Estudo⁽⁷⁾ utilizou MBI e a EET. O nível de estresse encontrado pela Escala de Estresse no Trabalho (EET) foi de 12,24% com alto nível de estresse, 74,47% com médio nível de estresse e 13,29% com baixo nível de estresse dos sujeitos da pesquisa.

Autores⁽¹⁰⁾ objetivaram analisar a relação entre estresse e qualidade do sono de enfermeiros que atuam em diferentes setores hospitalares, dos turnos diurno e noturno e correlacionar as alterações da qualidade de sono aos escores de estresse dos enfermeiros. A análise de consistência interna do instrumento mostrou o valor de 0,955 para o coeficiente Alpha de Cronbach. Observou-se que o escore médio de estresse dos enfermeiros foi de 2,6 (médio nível de estresse). Constatou-se correlação entre estresse e sono, ao passo que quanto maior o nível de estresse dos enfermeiros, pior foi a qualidade de sono.

Estresse no trabalho

Autores⁽¹¹⁾ realizaram o estudo com um grupo de trabalhadores atuassem em uma instituição de assistência, ensino e pesquisa voltada para o atendimento de pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), em Porto Alegre. Participaram do estudo 448 enfermeiros que estavam exercendo suas funções. A consistência interna da escala apresentou 0,72 na dimensão demanda, 0,65 em controle e 0,77 em apoio social. Mediante os achados da investigação, com elevado número de profissionais com baixa e moderada capacidade para o trabalho (52%) e estresse laboral (23,6%), infere-se que esses dados podem estar

associados à carga psíquica de trabalho, que aumenta quando a autonomia profissional diminui, proporcionando o surgimento do sofrimento no trabalho.

Em estudo⁽¹²⁾ participaram enfermeiros servidores públicos do quadro permanente e que estavam na assistência direta aos pacientes. Para análise do IEE, calculou-se a média geral da população e, a partir dessa medida, os indivíduos foram classificados em “alto” e “baixo” estresse, sendo que valores acima de três correspondem à primeira classificação (alto estresse) e abaixo de três à segunda (baixo estresse). Ademais, identificou-se o domínio de maior média para os enfermeiros, sendo que, quanto maior a média do domínio, maior o estresse que ele representa aos profissionais.

Na avaliação da confiabilidade interna do instrumento, observou-se que o Alfa de Cronbach foi de 0,964 para os 38 itens do IEE, 0,929 para o domínio “Relações Interpessoais”, 0,895 para “Fatores Intrínsecos ao Trabalho” e 0,859 para “Papéis Estressores da Carreira”. Nesse estudo, os enfermeiros que atuam em unidade hemato-oncológica obtiveram média de estresse de $2,53 \pm 0,62$, sendo que, o domínio “Fatores Intrínsecos ao Trabalho” $2,68 \pm 0,70$ representou maior o estresse aos profissionais. Quanto às estratégias de Coping, tem-se prevalência para o fator “Controle” $3,66 \pm 0,42$, ou seja, é o mais utilizado pelos enfermeiros para o enfrentamento do estresse. Os resultados deste estudo indicaram que com a maior utilização da estratégia controle o estresse também se eleva. Em se tratando de estratégias de enfrentamento, é importante ponderar que o processo de enfrentamento pode incluir tanto respostas efetivamente positivas sobre o estressor, como respostas negativas para a saúde do indivíduo⁽¹²⁾.

Síntese dos achados

As escalas são fundamentais na

realização de pesquisas para investigação do estresse ocupacional e produzir resultados quantificáveis. Esses instrumentos de avaliação tornam-se eficazes à medida que permitem ao pesquisador colher informações sobre a qualidade de vida dos profissionais, dos aspectos que possam estar influenciando em sua saúde e pela competência dos mesmos para que possivelmente possa resolver problemas e instrumentalizar o conhecimento para a tomada de decisões^(4,13).

Os profissionais de enfermagem são diariamente expostos aos agentes estressores⁽¹⁴⁾. O estresse e as constantes alterações e adaptações as quais o trabalhador precisa lidar, decorrentes do ambiente de trabalho cada vez mais competitivo e absorvendo novas tecnologias, geram impactos negativos à sua saúde e ao bem-estar desse trabalhador, podendo apresentar diminuição na sua produtividade, no desempenho, além de aumentar o absenteísmo e os acidentes de trabalho^(5,6).

São crescentes os estudos que utilizam as escalas e delimitam como

sujeitos profissionais de enfermagem. Com isso, percebe-se a vulnerabilidade e riscos relacionados à natureza da organização do trabalho desse grupo^(5,15). Tais estudos funcionam como alerta para a tomada de decisões que visem a melhoria na qualidade de vida no trabalho e amenização dos fatores psicossociais negativos que podem afetar a qualidade do cuidado prestado à população.

O estresse e a depressão são fatores muito preocupantes e principais causas de afastamento do trabalho e aparecem em estudos como as principais doenças prevalentes deste século⁽¹⁶⁾. O que mostra ser imperioso a implementação de políticas públicas direcionadas para o grupo em questão.

CONCLUSÃO

Este trabalho explicitou sobre os instrumentos que mensuram o estresse na enfermagem. As principais escalas utilizadas e validadas no Brasil descritas são: a Maslach Burnout Inventory; Escala de Estresse no Trabalho; Escala Bianchi de

Estresse; Inventário de Estresse para Enfermeiros; e Job Stress Scale.

Conforme se observou nos quadros, todos os estudos possuíam força de evidência, pois sofreram variação de 0,7 a 0,9 na medida de consistência interna (Alfa de Cronbach), que é uma forma de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. A escala mais utilizada foi a Maslach Burnout Inventory com 05 estudos, seguido da Escala Bianchi de Estresse (EBS), Escala de Estresse no Trabalho, Job Stress Scale, Inventário de estresse para enfermeiros com 01 estudo cada. No geral, todos os estudos comprovaram o acometimento do estresse na equipe de enfermagem, que pode estar relacionado a diversos fatores, chamando a atenção para a relevância em se realizar pesquisas para mensurar o estresse no trabalhador de enfermagem e pesquisas que possam levantar maneiras para minimizar o estresse e o impacto que este causa na vida destes trabalhadores, principalmente por estes serem profissionais essenciais na assistência à saúde da população. 🐦

Referências

- Portero S, Vaquero M. Desgaste profissional, stress e satisfação no trabalho do pessoal de enfermagem em um hospital universitário. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2015; 23(3):543-552.
- Calderero ARL, Miasso AI, Corradi-Webster CM. Stress and coping strategies among the nursing staff at an emergency care. *Rev Eletr Enferm*. 2008; 10(1):51-62.
- Rodrigues VMCP, Ferreira ASS. Stressors in nurses working in Intensive Care Units. *Rev Latino-Am Enferm*. 2011; 19(4):1025-1032.
- Silva JL, Soares RS, Costa FS, Ramos DS, Lima FB, Teixeira LR. Fatores psicossociais e prevalência da síndrome de burnout entre trabalhadores de enfermagem intensivistas. *Rev Bras Terapia Intensiva*. 2015; 27(2):125-133.
- Campos ICM, Angélico AP, Oliveira MS, Oliveira DCR. Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 2015; 28(4):764-771.
- Ferreira NN, Lucca SR. Síndrome de burnout em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo. *Rev Bras Epidemiol*. 2015; 18(1):68-79.
- Andolhe R, Barbosa RL, Oliveira EM, Costa ALS, Padilha KG. Estresse, coping e burnout da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados. *Rev Esc Enferm USP*. 2015; 49(esp):58-64.
- Schmidt DRC, Paladini M, Biato C, Pais JD, Oliveira AR. Qualidade de vida no trabalho e burnout em trabalhadores de enfermagem de Unidade de Terapia Intensiva. *Rev Bras Enferm*. 2013; 66(1):13-17.
- França FM, Ferrari R. Síndrome de Burnout e os aspectos sociodemográficos em profissionais de enfermagem. *Acta Paul Enferm*. 2012; 25(5):743-748.
- Rocha MCP, Martino MMF. O estresse e qualidade de sono do enfermeiro nos diferentes turnos hospitalares. *Rev Esc Enferm USP*. 2010; 44(2):280-286.
- Negeliskii C, Lautert L. Estresse laboral e capacidade para o trabalho de enfermeiros de um grupo hospitalar. *Rev Latino-Am Enferm*. 2011; 19(3) [8 telas].
- Umann J, Silva RM, Benavente SBT, Guido LA. O impacto das estratégias de enfrentamento na intensidade de estresse de enfermeiras de hematologia. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. 2014; 35(3):103-110.
- Greco PBT, et al. Utilização do modelo demanda-controle de Karasek na América Latina: uma pesquisa bibliográfica. *Rev Enferm UFSM*. 2011; 01(2):272-281.
- Ministério da Saúde (BR). Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos, n.114, p.580, 2001.
- Campos JF, David HMSL, Souza NVDO. Prazer e sofrimento: avaliação de enfermeiros intensivistas à luz da psicodinâmica do trabalho. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2014; 18(1):90-95.
- Sales AV. Depressão no trabalho. Trabalho de conclusão de curso em Direito. Universidade Estadual da Paraíba, 2014.